

TIMOTHY WALKER

# MEDICINA E SUPERSTIÇÃO

Embate clássico: de um lado, as terapias tradicionais baseadas em empirismo ou superstição; de outro, a medicina convencional sustentada em saberes referendados pela ciência. Não é de hoje que os métodos alternativos de cura provocam desconfiança. A briga é mais antiga do que se imagina. No século 18, em Portugal, os tribunais da Inquisição não economizaram tinta nas condenações contra curandeiros e terapeutas místicos. Mas, até há pouco, curioso detalhe passara despercebido às pesquisas historiográficas: a perseguição a esses ‘bruxos’ não era, necessariamente, resultado da intransigência dos inquisidores. Documentos indicam que essas condenações tiveram uma motivação mais corporativista. Foram os representantes da então emergente classe médica portuguesa – novos médicos e cirurgiões doutrinados no espírito do Iluminismo – que se aliaram à Inquisição para pedir a cabeça dos curandeiros e seus congêneres. Afinal, havia um mercado em disputa.

Quem analisa a questão é o historiador norte-americano Timothy Walker, da Universidade de Massachusetts-Dartmouth. Ele empreendeu o que chama de ‘trabalho de detetive’: passou anos a fio enfiado em bibliotecas a vasculhar milhares de arquivos empoeirados. E a busca rendeu o livro *Médicos, medicina popular e Inquisição: a repressão das curas mágicas em Portugal durante o Iluminismo*. Publicada em inglês há mais de 10 anos, a pesquisa ganha agora a primeira tradução para o português, por uma parceria entre a Editora Fiocruz (Rio de Janeiro) e a Imprensa de Ciências Sociais (Lisboa).

Walker esteve no Brasil em novembro, para uma conferência na Fundação Oswaldo Cruz, na capital fluminense, quando conversou com *Ciência Hoje* sobre a relação dos inquisidores com os representantes da classe médica lusitana.



FOTO: HENRIQUE KUGLER

HENRIQUE KUGLER | CIÊNCIA HOJE | RJ

GILBERTO HOCHMAN | PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DA SAÚDE, FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ | RJ

**Magia, curandeiros, terapeutas místicos. O assunto de seu livro desperta muita curiosidade. O que suas pesquisas revelaram?** Em meu doutorado, estudei a perseguição às bruxas em Portugal. Mas depois de alguns meses de pesquisa percebi que, na documentação histórica, muitas das pessoas chamadas de ‘bruxas’ eram, na verdade, curandeiros e saladores – praticantes de métodos tradicionais de cura. Isso mudou os rumos de minha pesquisa. Pois havia ali uma história muito interessante a ser investigada.

**E quem eram, afinal, esses curandeiros e saladores?** Acreditava-se que algumas pessoas nasciam com um dom, uma capacidade divina de curar pelo toque das mãos. Eram os chamados saladores. Eles usavam suas mãos para ‘extrair’ a doença ou o que quer que fosse

que estivesse a causar sofrimento ao paciente. Por isso, os saladores preocupavam muito a Inquisição. Pois, teologicamente, havia um entrave: ou essas pessoas estavam sob forças demoníacas; ou Deus poderia, quem sabe, estar mesmo atuando por meio delas. Isso seria um problema e tanto para a Igreja, pois naquela época ensinava-se que a era dos milagres já havia terminado. E a existência de pessoas comuns com capacidade de cura era algo que contradizia a ortodoxia da Igreja.

Já os curandeiros praticavam uma medicina mais mecânica, ou, de certo modo, um tipo de bruxaria. Usavam objetos, ossos, substâncias naturais ou qualquer coisa que pudesse servir como elemento de cura. Os curandeiros detinham conhecimentos de medicina tradicional, e misturavam esses saberes com rezas, encantamentos, versos ou rituais que supostamente facilitariam as curas. E há histórias incríveis. Conta-se que um curandeiro do século 18, certa vez, emprestou de três mulheres uma porção de farinha – e essas três mulheres se chamavam Maria. Um dia um bebê ficou doente, e, para ser curado, deveria, segundo o curandeiro, ser passado na tal farinha, que acabou ficando conhecida como ‘farinha de três Marias’.

**Para inibir a atuação desses curandeiros, entre os séculos 17 e 19, o senhor diz que houve uma espécie de aliança informal entre a Inquisição e a classe médica lusitana. Que história é essa?** De um lado, inquisidores estavam motivados a combater as atividades heréticas. De outro, representantes da classe médica tinham motivações profissionais para alterar a forma como a medicina era praticada em nível popular. E, claro, os médicos e cirurgiões também queriam eliminar a concorrência, por assim dizer. Mas as motivações dos médicos não podem ser reduzidas apenas a essa dimensão econômica. Eram muito mais complexas.

Os médicos portugueses realmente se consideravam agentes de mudança na consciência do povo de Portugal, e queriam impedir, portanto, a ação daqueles que consideravam charlatões e falsários. Detalhe: a maioria dos portugueses não tinha a opção de ir a um médico licenciado, pois eram caros e, em especial nas áreas rurais, sequer havia profissionais habilitados em medicina. A população preferia resolver seus problemas de saúde da maneira tradicional, isto é, indo a um curandeiro ou a um salador. Havia entre a classe médica, ainda, outra razão para condenar a medicina tradicional: é que muitos desses profissionais eram católicos praticantes. Levavam a sério sua religião e acreditavam estar fazendo algo positivo ao reforçar os ensinamentos da Igreja. É relevante mencionar que, em muitos casos, esses novos doutores eram, também, os próprios funcionários da Inquisição.

## A INQUISIÇÃO FOI, DE CERTO MODO, MANIPULADA PELA CLASSE MÉDICA

**Por que a Inquisição contratava médicos? Que funções eles exerciam nos tribunais?** Alguém teria de ser responsável pela saúde dos condenados, aprisionados e torturados. O mais curioso é que, com frequência, a Inquisição precisava de médicos para exercer uma função-chave: era preciso verificar, quando alguém estava sob tortura, que a qualidade de suas declarações não estava sendo comprometida pela dor. Os inquisidores notaram, a certa altura, que quem está sendo torturado acaba dizendo qualquer coisa, apenas para que se termine com o sofrimento. A função dos médicos era garantir que a pessoa não morresse durante a tortura; e que seu testemunho verbal fosse confiável. É uma ideia maluca. Logo se percebeu que, mesmo com a presença do médico, os torturados diriam qualquer coisa.

Outro detalhe: um grande percentual de pessoas encaminhadas para tortura acabava não sendo torturado. Assim que entrava na câmara de tortura, era colocado diante do réu todo o arsenal de instrumentos a serem utilizados nele: ferros quentes, pontas, lâminas... A Inquisição deliberadamente fazia as vítimas olharem esses instrumentos antes do início do interrogatório. Resultado: entre 30% e 40% dos enviados para tortura acabavam não sendo torturados (ou eram torturados só um pouquinho). Pois, muitas vezes, nem era preciso. A intimidação era uma estratégia dos inquisidores. Nesse contexto, os serviços médicos eram bastante úteis. E, para um médico, ser membro da Inquisição era muito vantajoso.

**Por quê?** Membros da Inquisição não precisavam pagar certos impostos. Nem alojaram regimentos militares em suas casas – à época, cidadãos comuns tinham de ceder espaço em suas residências para acomodar guarções militares sempre que necessário. Mas não se você fosse um membro da Inquisição. Outra vantagem era a garantia de melhor lugar nas filas de distribuição de alimento nos períodos de fome. Além disso, os membros eram remunerados. Havia também uma espécie de ‘cachê social’ nessa filiação. Era um certo prestígio. E essa relação tão próxima entre médicos e inquisidores nos faz retomar o argumento de meu livro: a Inquisição foi, de certo modo, manipulada pela classe médica – que se utilizou dos julgamentos e condenações para interferir na atuação dos curandeiros e saladores. >>>

**Na prática, como acontecia essa manipulação?** Alguns documentos publicados pela Inquisição, a partir de 1690, foram escritos em estreita colaboração com médicos e cirurgiões. A linguagem médica é muito perceptível. Nesses escritos, ficava explícita uma dicotomia segundo a qual um tipo de medicina seria o correto; e o outro seria charlatanismo. Algumas passagens mostram que a verdadeira medicina era praticada apenas por aqueles que entendiam dos mecanismos do corpo e sabiam administrar drogas corretamente. E, na verdade, era Deus quem tinha possibilitado aos médicos esse conhecimento e, portanto, essa capacidade de curar. Não faz muito sentido, mas eles diziam que só os médicos licenciados eram os aprovados por Deus. Todo o resto seria ‘picaretagem’. Isso acabou se tornando uma política oficial adotada pela Inquisição – que passou então a identificar, julgar e condenar curandeiros sistematicamente, por influência da classe médica. Havia outra maneira, ainda, pela qual os médicos manipulavam a Inquisição: por meio de denúncias. Isso fica evidente quando lemos a documentação: quem denuncia os praticantes de cura mágica e quem apresenta evidências para suportar tais acusações eram quase sempre os próprios médicos, os cirurgiões; ou, quando não eles, membros de suas famílias. De fato, quase todas as denúncias do período que analisei foram iniciadas ou pelos próprios médicos ou por seus familiares. Foram muitos meses de pesquisa até me dar conta disso. Era uma informação completamente desconhecida; nenhum historiador havia escrito a respeito dessa particularidade até então.

**E quanto aos curandeiros e saluadores, o que acontecia com eles após condenados?** A maioria ficava um breve tempo na prisão. Em seguida eram obrigados a fazer um auto de fé – espécie de arrependimento em público, reconhecendo seus ‘erros’ e anunciando sua devoção aos ensinamentos da Igreja. As sentenças para os curandeiros eram bastante brandas, se comparadas às de outros que cometiam crimes mais sérios – como ser judeu. Para praticantes do judaísmo, a condenação poderia ser bem mais grave: morrer na fogueira. Às vezes, porém, havia misericórdia – eram enforcados antes, para não serem queimados vivos. Nada disso acontecia com os curandeiros e praticantes da medicina popular. Estudei o período de 1680 até cerca de 1800, e, nesse tempo, ninguém foi mandado à fogueira por crimes mágicos. Na verdade, os curandeiros e saluadores eram apenas banidos das cidades e enviados para regiões remotas de Portugal. Eram condenados a fazer trabalhos manuais em estaleiros, por exemplo. Ou a trabalhar nas salinas, ao sul do país. Mas esse regime durava, em média, de dois a três anos – depois disso, o condenado voltava à liberdade.

**Por que a condenação para judeus era mais severa que a condenação para curandeiros?** A Inquisição portuguesa não tinha uma verba fixa de operações. O que pagava suas contas eram, na verdade, os bens confiscados. Isso explica por que um dos crimes mais interessantes para os inquisidores era praticar o judaísmo. Pois eram os judeus que, não raras vezes, possuíam boa quantidade de bens confiscáveis. Essa é uma história paralela à história que conto em meu livro, mas ela é muito importante para entendermos o contexto da época. Isso nos ajuda a entender a dinâmica das perseguições, e por que tantos judeus eram condenados. Já quanto aos curandeiros, a Inquisição não tinha ganho algum ao condená-los. Eram pobres maltrapilhos. Tudo leva a crer que a perseguição aos praticantes de curas mágicas era muito mais interesse dos médicos que dos inquisidores.

**No período analisado pelo senhor, Portugal tinha uma relação muito próxima com o Brasil. A Inquisição portuguesa chegou a ter influência em nossas terras?** Muitos curandeiros afro-brasileiros foram presos no Rio de Janeiro [RJ] e em Salvador [BA]. Eram enviados a Portugal para julgamento. Ocasionalmente, a Inquisição enviava membros ao Brasil – a cada cinco ou 10 anos, talvez, mas sem uma regularidade definida. Um caso muito interessante é o do Barão de Catanea, curandeiro afro-brasileiro que vivia em Lisboa no século 19. Ele ficou bastante conhecido entre marinheiros e oficiais britânicos, que o procuravam para curar suas doenças venéreas.

**Nas últimas décadas, por alguma razão, a medicina popular ou alternativa parece ter ganhado espaço no Brasil e no mundo. Na sua avaliação, por que isso acontece?** Acredito ser uma demanda legítima. A tentativa de suprimir esse tipo de prática, em Portugal, falhou. E a prova é que se podem encontrar curandeiros ainda hoje. Estão por todos os cantos, e as pessoas confiam em muitos deles. A medicina convencional tende a marginalizar o conhecimento da tradição, o que, a meu ver, é um erro. Uma das coisas que a ciência moderna não faz muito bem é contabilizar os efeitos dos tratamentos que não operam especificamente em nível químico. E creio que os aspectos não químicos de um tratamento também podem ser importantes. Há a dimensão psicológica, por exemplo. Talvez existam lições que as práticas tradicionais possam nos ensinar. O ‘poder de cura’ de uma pessoa pode estar, em alguns casos, relacionado à força de suas convicções na pessoa responsável pelo tratamento e nos métodos usados – e o efeito placebo é um elemento que poderia ser mais bem explorado pela medicina moderna. O que quero dizer é que talvez haja espaço para outras práticas de cura hoje, assim como também havia 200 ou 300 anos atrás. **EH**